

EXPULSAS DO CAMPO ONTEM, TRABALHADORAS DA RECICLAGEM HOJE: MIGRAÇÃO, INSERÇÃO E IDENTIDADE

Vinícius Lima Lousada – IFRS
vinicius.lousada@ifrs.edu.br

Eixo 3: Soberania alimentar, agroecologia e educação ambiental (debate teórico, experiências práticas)

Resumo: O presente texto é um recorte do que foi resultante da investigação levada à cabo em 2011, tendo por foco os saberes produzidos no trabalho presente na Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta (A.R.E.R.B.), em Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Foram utilizadas como técnicas de pesquisa a observação participante, as entrevistas semiestruturadas e a análise de documentos. O ponto de partida da investigação consistiu na análise da experiência de Educação Popular Ambiental denominada por Projeto Reciclando Vida, que conduziu o pesquisador à compreensão da dinâmica produtiva de um galpão de reciclagem e dos processos de construção e partilha de saberes entre os/as recicladores/recicladoras, tendo em vista a formação de novos trabalhadores que se configura numa “pedagogia do galpão”. Os dados que emergiram da pesquisa empírica, em diálogo com os referenciais teóricos da Educação Popular Ambiental, em sua crítica à racionalidade moderna e ao capitalismo os aponta como bases da crise ecológica e da produção social da pobreza, levou à identificação dos/das recicladores/recicladoras como trabalhadores/trabalhadoras migrantes em condição precária que, numa sociedade de classes, são condenados ao trabalho com as sobras produzidas nesse contexto. Sua opção pelo trabalho na reciclagem não se dá pela adesão militante ao campo ambiental, mas, pela condição da pobreza que coloca entre as poucas opções para a manutenção da sobrevivência o trabalho com o lixo. Uma parte significativa das mulheres partícipes da pesquisa foram trabalhadoras do campo no passado, foram expulsas desse espaço pela lógica do capitalismo e se tornaram hoje recicladoras na periferia urbana da Capital do Rio Grande do Sul.

Palavras-Chave: trabalhadoras da reciclagem; pobreza; sujeito ecológico.

De início

Esse texto consiste em um recorte dos resultados do estudo de caso de inspiração etnográfica, levado a efeito por mim, sobre os saberes produzidos no trabalho no âmbito da Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta (A.R.E.R.B.), em Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, por ocasião da realização da minha tese de doutorado em educação. No âmbito da metodologia empregada, foram utilizadas como técnicas de pesquisa a observação participante de agosto de 2008 a dezembro de 2009, entrevistas semiestruturadas, análise de documentos e registros fotoetnográficos; além do levantamento bibliográfico que é de praxe. O ponto de partida da investigação consistiu na análise da experiência de Educação Popular Ambiental denominada por

Projeto Reciclando Vida¹, que conduziu à compreensão da dinâmica produtiva de um galpão de reciclagem e dos processos de construção e partilha de saberes entre os/as recicladores/recicladoras, tendo em vista a inserção de novos trabalhadores nesse ramo produtivo.

Dos conteúdos emergentes da investigação opto por desenvolver no presente trabalho aqueles que são referentes à identificação de parte das recicladoras da A.R.E.R.B. como trabalhadoras migrantes do campo para a periferia urbana a fim de atuarem em condições precárias, numa sociedade de classes, como que condenadas à sobrevivência material com as sobras produzidas nesse contexto. Portanto, analiso a opção dessas mulheres pelo trabalho na reciclagem que não se dá, diga-se de passagem, pela adesão militante ao campo ambiental, mas, pela condição da pobreza que estabelece entre as poucas opções para a manutenção da sobrevivência o trabalho com o lixo.

A partir das falas de algumas das participantes² da pesquisa, aponto aspectos de suas trajetórias de vida onde identifico as circunstâncias materiais de expulsão dessas mulheres pobres do campo como lugar de viver, trabalhar e produzir, ocasionada pela modernização desse setor produtivo sob a ordem vigente do capitalismo. Adiante analiso como se dá a sua inserção no trabalho da reciclagem e o modo contraditório de sua inscrição no campo ambiental, destacando a inaplicabilidade da categoria teórica sujeito ecológico às trabalhadoras da associação de reciclagem onde a pesquisa foi desenvolvida.

2. Pobreza, agricultura familiar e migração

Os/as recicladores/recicladoras, na condição de trabalhadores/trabalhadoras despossuídos/despossuídos, são frutos locais da pobreza estrutural produzida no mundo globalizado. São indivíduos partícipes dos contingentes de excluídos que se delineiam como sobras humanas, postas à margem ou incluídas precariamente nos processos de divisão social do trabalho e do consumo em escala global. A respeito da pobreza tomo por empréstimo as reflexões de Santos (2008). Para o autor, a pobreza, na metade do

¹ Projeto extensionista coordenado na época pelo Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer (UFRGS).

² Ao todo foram entrevistadas onze mulheres, algumas por mim, outras pelo Prof. Nilton e equipe em períodos diferentes.

século XX, nos países subdesenvolvidos, assume formas variadas da dívida social e culmina em pobreza estrutural.

Assim, a pobreza, antes de tornar-se estrutural tem a sua fase intersticial, circunscrita a certas épocas e contextos em que se evidencia um descompasso entre condições ambientais e sociais. Sua expressão na marginalidade como consequência direta do processo econômico da divisão do trabalho em escala global gera a classificação dos indivíduos pelo seu potencial de consumo. A pobreza estrutural é um resultado calculado na lógica do capitalismo, que produz uma escassez do trabalho e expansão calamitosa do desemprego, na qual os sujeitos saem “de uma pobreza para entrar em outra. Deixa-se de ser pobre em um lugar para ser pobre em outro.” (SANTOS, 2008, p.35).

Nas trajetórias das recicladoras há um trânsito que reproduz como processo essas pobreza. Quando vivendo no interior, as condições não são favoráveis para a conquista de um posto de trabalho mais bem remunerado; na situação de migrantes, no novo contexto, vivem na periferia, em moradias estabelecidas em invasões ou em conjuntos habitacionais populares edificados pelos projetos de habitação do poder público, pensados sobre e para os pobres.

No tocante ao labor, a convivência com as trabalhadoras da reciclagem faz ver que a expectativa da recicladora, até certa faixa etária da vida, é achar “uma coisa melhor”, um “emprego de carteira assinada”, na ilusão da estabilidade que, no imaginário popular, é ofertada pelo documento trabalhista que sintetiza uma autoimagem do trabalhador no seu vínculo empregatício, identidade de pertença que a função desempenhada numa “firma” pode acarretar e na possibilidade de melhorar a renda para consumo e manutenção menos sufocada da existência.

Tornar-se reciclador ou recicladora não é uma questão simples de opção, embora não deixe de ser objeto de escolha no limite para uma ocupação no abismo social, condicionada pelas circunstâncias materiais em que se movem os sujeitos, pela sobrevivência mediante a comercialização do resto do lixo que a sociedade produz. Assim, ser reciclador ou recicladora é uma ocupação profissional no cenário da precarização do trabalho, instituído no horizonte como um quase destino não projetado, no qual desembocam suas trajetórias individuais movidas pela busca de uma vida em melhores condições sociais, na crença de que o trabalho na cidade pode ser a porta para atingir seus projetos de melhoria de vida. Depois da migração a que se entregam

deixando o trabalho da agricultura familiar no interior do Rio Grande do Sul, veem-se diante de limites substantivos para a obtenção de trabalho e renda.

Essa vivência na agricultura familiar é um traço comum, assim como a migração para a Capital, que são narradas pelas recicladoras, como Mariana³, Nara, Lúcia, Miriam, Elenice, Fabíola, Janaína (que veio com a família logo que nasceu). O mesmo fato não se deu com Clara, Jurema, Giovana e Elena, que são originárias da própria periferia da região metropolitana de Porto Alegre. Desse modo, a maioria das recicladoras que integraram a pesquisa é de trabalhadoras do campo, desde crianças inseridas na cultura do trabalho, que migraram para a região urbana em busca de melhores condições de vida, cuja causa principal é o anseio por emprego, depois por moradia, assistência médica, escolarização, como relataram nas entrevistas. Os sobrantes do campo existem por causa dos processos de mecanização e automatização de boa parte das tarefas da zona rural ou pelo endividamento que leva alguns camponeses à venda de suas pequenas propriedades. Eles são pobres do campo que saem dessa pobreza rural para a urbana.

Elenice assim descreve a dinâmica de trabalho na roça, quando residia no interior do Estado:

O meu pai tinha muita terra lá fora, ele tinha umas quantas hectares de terra, e, e a gente vivia, meu pai, a família da gente vivia da, como é que eu posso te dizer, das plantações. Como é que eu digo? Assim, meu pai só vivia da lavoura, da plantação que era feijão, era arroz, era milho, era trigo, essas coisas tudo, né? E era dali que tirava o sustento da família, né. Eu ajudava, com sete anos eu já ia pra roça junto com meu pai. Semana ficava uma, e na outra – nós era três meninas, né –, então, comparação: essa semana era minha, né, de eu ir pra roça, na outra semana eu ficava em casa e aquela que tava com a minha mãe ia pra lá. Depois aquela vinha ficava com a minha mãe, a outra ia trabalhar também. Sempre ficava uma com a minha. Todo mundo [trabalhava]. Nós éramos seis irmãos, e só ficava uma com a minha mãe para levar a comida lá pro meu pai, minhas irmãs. (Elenice, entrevista em 14/02/2005, concedida ao Prof. Nilton e equipe)

Essa recicladora fala-nos da cultura do trabalho coletivo no âmbito da agricultura familiar, da alternância de tarefas e um pouco do lugar da mulher no trabalho rural. Quando adentra, em sua narrativa, como veremos abaixo, nas causas que a levaram e aos membros de sua família a deixarem o campo, ela se refere à roça como vida e trabalho limitante para os homens e que pode ser enquadrado como não-trabalho,

³ Assim como na tese de doutorado que originou o presente texto, optei por usar nomes fictícios para preservar os partícipes da pesquisa.

evidenciado no modo como menciona o motivo da migração de seus irmãos para a cidade, aliado à possibilidade de escolarização como indicativo de algo melhor:

Aí, depois meus irmãos também começaram a vim para trabalhar, porque lá era só roça, eles não queriam mais... até o meu irmão veio de lá, um deles... começou a trabalhar e estudar aqui na escola da Agronomia. (Elenice, entrevista em 14/02/2005, concedida ao Prof. Nilton e equipe)

A narrativa de Elenice também é emblemática quanto aos desafios da vida no campo ante a carência de condições básicas de transporte coletivo, sendo feito esse por carroça e cavalo, além da inexistência de atendimento hospitalar. Traça um cenário de simplicidade extrema, cujos limites lhe parecem o nexo causal de sua retirada do campo. Nesse quadro de pobreza, a comida era farta, e questionada se a fome teria sido um dos motivos de sua migração, ela responde não e manifesta como causa as transformações nos processos de trabalho no campo mediante a mecanização:

Não, comida a gente tinha. Claro que a gente tinha, mas era tudo era da roça, tudo é a gente que plantava, a gente que colhia, tudo assim. Naquela época não existia essas máquina que existe hoje em dia, hoje em dia tá tudo muito adiantado. Então, lá tu [comia] feijão quando colhia o feijão, agora é tudo por máquina, né. Era tudo por, como é que que posso te dizer? O pessoal botava aquela lona, assim ó, no sol e ali era tudo com aqueles, não sei, não me lembro como é que é o nome daqueles coisa que, que aquilo ali ó, debulhava todo o feijão. Hoje em dia não, hoje em dia tudo abaixo de máquina, tudo moderno, né, era difícil, bah... muito difícil... por isso que ninguém mais quer saber do campo, né... quase ninguém... tu pode ver que tá vindo muita gente, né... (Elenice, entrevista em 14/02/2005, concedida ao Prof. Nilton e equipe)

A questão da migração do trabalhador do campo em busca de trabalho na cidade remete à compreensão de que é uma característica própria da sociedade orientada política e economicamente pelo capitalismo, por força das leis do mercado postas acima das questões sociais, o desenraizamento do sujeito com o consequente rompimento de sua identidade configurada nas relações sociais tradicionais e de trabalho anteriores, cuja crise que dele se acerca o obriga a abandonar. O sujeito desenraizado, trabalhador rural de antes e agora expulso da terra, vê-se na condição de dono somente de sua força de trabalho e potencial vendedor dessa força na direção de sua reintegração, por vezes degradante, na sociedade, através da busca desesperada por trabalho. Quando encontra trabalho, mergulhado em sua condição precária de existência, entrega-se a formas

aviltantes de ocupação, nos extremos da sociedade regida pelas normas do capital, na qual é responsável por si mesmo, sem comprometimento ou encargo de quem compra a sua força de trabalho.

Quando debandam para a cidade, acompanhando maridos na busca de trabalho, carregando alguns filhos, essas mulheres procuram a ocupação possível para pessoas de baixa escolarização e sem referências profissionais. Trabalham em casas de família, sujeitando-se a atividades de serviços gerais na limpeza, na cozinha e no cuidado com as roupas de seus patrões. Não raramente tornam-se cuidadoras de seus filhos e animais. Experimentam a situação artificial do quase-emprego, na ausência de significado contratual da relação patrão-empregado, como se fossem da família; participam de reuniões familiares como convidadas, em algumas ocasiões “ajudam” servindo visitas e limpando as louças e peças das casas após as festividades da família empregadora. Como babás ou “tatás”, apelido que caracteriza nebulosamente a sua atividade, acompanham o crescimento dos filhos alheios, enquanto atendem aos mais variados serviços solicitados nas residências.

Casa de família né? Eu trabalhei muitos anos, trabalhei três anos lá na vinte e quatro de outubro na casa do doutor Rui. Trabalhei três anos lá. Cozinheava, passava roupa, deixava tudo pronto, a janta. Não cheguei assina minha carteira, porque na época eu não tinha ela pronta, porque eu vim pra Porto Alegre eu só tinha identidade e a certidão de casamento. Aí quando eu, me encaminharam pra mim fazer a minha carteira, já trabalhava a quase três anos lá e foi quando eu fiquei grávida da pequena. Daí eu me afastei, com sete mês eu me afastei do trabalho. Aí como ela nasceu com problemas de saúde né? (Mariana, entrevista em 17/09/1999, concedida ao Prof. Nilton e equipe)

O trabalho em “casas de família” traz como suposta recompensa, além da remuneração, a dádiva de pequenos presentes, ainda que usados, que fazem parte do repertório dos usos familiares, como roupas, utensílios, eletrodomésticos fora de linha, na sua maioria, pequenos bens utilizados pelos seus antigos donos que transferem como uma recompensa a mais às suas empregadas. Entendo que a cultura do descarte dos ricos institui sua outra face, a reciclagem que cabe aos pobres realizarem, aproveitando as sobras que acolhem como dádivas capazes de fortalecer seus vínculos com seus patrões, como uma gratidão sem-fim, que estabelece uma lógica de trabalho quase como dedicação exclusiva, com ou sem a carteira de trabalho registrada.

Limpeza... faxina... aí, depois, trabalhei no banco da..., na Oro Grei, no Centro... Com uma guria, fazendo faxina na casa dela, mas aí eu tava aqui. Já trabalhava aqui, quando tinha o que fazer eu ia fazer, né... Aí, depois peguei uma criança pra cuidar, aí larguei a faxina, me arrependi até o dia de hoje. Pelo menos era um dinherinho que sempre [dava] cada fim de semana eu tinha pra pegar. Mas, fazer o que? (Nara, entrevista em 19/08/2004, concedida ao Prof. Nilton e equipe)

A trajetória migrante de Fabíola é mais dramática. Negra e adotada, fugiu de uma cidade do planalto do Rio Grande do Sul para Porto Alegre, depois de uma infância e adolescência de humilhação e maus tratos de sua família adotiva. Com a família adotiva sentiu na carne a violência simbólica do racismo, a violência física de seu corpo e a condição de subalternidade a que era submetida, alimentando-se, segundo sua emotiva narrativa, das sobras de “seus irmãos brancos”. Ela disse ter sido encontrada numa sacola de lixo, quando bebê, em cerca próxima à residência dessa família que a adotara, o que a leva a imaginar o trabalho da reciclagem como um destino pessoal⁴.

Quando eu vim pra cá eu vim dentro de um guarda-roupa. Porque eu morei, porque essa família que me criou não são meu pai e nem mãe, eles me pegaram numa cerca dependurada que a minha mãe ganhou me botou fora na cerca, assim numa sacola. Daí essa mulher, parece uma coisa que me deu vida. Assim, ela me criou. Só que essa família era uma família branca, assim que nem tu, alemão, e era só eu de nega. Então os filhos diziam assim pra mim, bem assim: ti já vai dá comida pra essa macaca! Essa aí, isso aquilo outro. Eu comia o resto deles, o que eles não comiam eu comia o resto da comida. Eu fui muito maltratada por essa família. Aí uma família ia se mudar pra cá pra Porto Alegre e aquela família era muito boa pra mim, eu digo: eu vou mi embora com vocês tia. Mas nós não podemos te levar Fátima... Eu vou embora com vocês, eu vou. Eu vim dentro de um guarda-roupa pra cá. Chegaram aqui em Porto Alegre e me viram dentro do guarda-roupa, mas eles não podiam ficar comigo, daí eles me internaram no Jobim. No Ana Jobim que é um internato que agora diz FEBEM, agora eles tratam de FEBEM. Perto do Beira-Rio, ali perto do Inter. Eu fui criada ali, terminei de me criar ali. Eu não aprendi lê porque eu não quis aprender a ler. Porque as tias dali me deram muito estudo, só que eu era muito malandra. Eu não quis aprender a ler, mas eles me deram estudo ali. (Fabíola, entrevista em 04/06/2010, concedida ao pesquisador)

⁴ “Não sei por que era o meu destino, porque a minha mãe me largou numa cerca ali, me jogou fora, não sei, eu tenho esse destino desde criança de trabalhar, de gostar, de reciclar lixo. Não sei.” (Fabíola, entrevista 04/06/2010, concedida ao pesquisador)

Na FEBEM⁵, Fabíola ameahou vivências de violência e tentativa de abuso sexual das internas mais velhas em relação às mais jovens, como no caso dela. Depois dessa passagem pela instituição de menores, decidiu por ir para as ruas de Porto Alegre, onde viveu as condições a que historicamente estão expostas as jovens prostitutas. Assim ela descreve aquele seu período de vida:

Eu fui morando na rua, eu fui mulher de quadra, mulher de viração. Me virei na Voluntário ali, tive gigolô, fui mulher de gigolô. Eu passei muito trabalho, o gigolô me dava pau pra eu conseguir dinheiro. Sabe o que é gigolô né? Foi quando eu conheci esse... esse pai dos meus filho, daí eu fui morar com ele, daí eu tive outra família e daí tamo aqui, mãe de nove filho. Daí eu tive outra vida né, coisa, apesar de que ele era bêbado, mais... Aturava um pouco da cachaçada, mas ele não dava em mim, só incomodava muito por causa da cachaça, cachaça e bar. Quando eu comecei a trabalhar na noite eu tinha 14 anos, quando eu parei de trabalhar assim nessa vida aí eu tinha uns 17 anos. Fui conhecer essa criatura foi na rua mesmo. Aí foi quando eu parei. Nós fomo morar na casa da mãe dele. Naquelas casinhas que tinha atrás do Inter ali, na vila, foi ali que eu morei... Uns 17 anos eu vivi com ele ali. (Fabíola, entrevista em 04/06/2010, concedida ao pesquisador)

Fabíola, como ela mesma relata, foi explorada por um agenciador com o qual conviveu até conhecer o pai de seus filhos, dentre os quais dois são recicladores na atualidade e um teve uma breve passagem anterior pela reciclagem, dando início a outra ocupação que lhe introduziria nesse setor produtivo, justamente quando foi morar na vila nas proximidades da Avenida Beira-Rio. Portadora de uma carteirinha de catadora conta que, grávida de seu filho mais velho, trabalhava com o marido catando papel e “puxando” o que recolhiam pelas ruas do centro da cidade em um carrinho improvisado. Entretanto, antes disso, fora internada no Hospital Psiquiátrico São Pedro por causa das drogas que consumia. Lá ficou hospitalizada até desenvolver uma estratégia de fingir tomar os calmantes que lhe eram ministrados pelos enfermeiros para poder retomar a lucidez e ganhar alta. Depois disso, residiu e trabalhou na Av. Sertório, e, quando os moradores foram transferidos, veio com um grupo que recebeu o convite da Irmã Josefa para trabalhar no galpão de reciclagem, que seria organizado onde é a atual sede da A.R.E.R.B. Nessa ocasião, o marido prestava serviços na prefeitura, e ela seguia “puxando carrinho”. Nesse ínterim, passou a trabalhar como recicladora no galpão de reciclagem, sendo uma de suas pioneiras.

⁵ Antiga Fundação Estadual do Bem-estar do Menor, atual Fundação de Atendimento Sócio-educativo do Rio Grande do Sul.

Todas as mulheres que fazem parte do grupo pesquisado, migrantes do interior ou filhas da periferia da Capital, tiveram uma passagem, em dado momento de suas vidas, pelos serviços de limpeza, trabalho destinado numa sociedade desigual às classes subalternas. Ocuparam a função de faxineiras, para completar a renda pessoal e da família, todos os dias da semana ou apenas nos fins de semana, caso estivessem ocupadas com outro trabalho. Para algumas, o trabalho na reciclagem significou uma espécie de ascensão social, reconfiguração identitária que leva a entender o fato de ser recicladora como um dos momentos mais seguros de suas vidas, com “dinheiro certo”, como uma instância em que cada uma, em sua navegação no abismo social, pode ancorar-se e estabelecer vínculos de pertença e sentido de sua trajetória. Igualmente, as narrativas informam o trânsito por empresas, nomeadas com certa solenidade no modo de falar, realizando o trabalho nomeado por serviços gerais ou de limpeza em geral, como parte das vivências anteriores ao galpão.

3. Iniciação ao trabalho no galpão de reciclagem

As trabalhadoras, em busca de ocupação no galpão, relatam que muitas vezes se aproximam por ouvir falar desse espaço, normalmente por intermédio de alguém que está inserido no coletivo de trabalho ou tem laços de convivência com os seus membros. Contudo, existem as exceções à regra. Existe um caderno aos cuidados dos membros da diretoria em que consta uma lista de nomes de candidatos ao trabalho no galpão, registrados ao longo dos anos. Assim que surgem vagas, os nomes listados são chamados, não em ordem de espera seguida diligentemente. O grupo prefere chamar as pessoas listadas que já são conhecidas. Sobre esse costume, narra Mariana:

Aí um dia uma mulher ali perto de casa disse pra mim que aqui nessa reciclagem tinha duas vaga. Queriam duas mulher pra trabalha. Aí eu voltei o que exigia. Aí eu já tinha o CIC e tudo. Aí cheguei aqui conheci a Zilma. Eu fui direto conversa com a Zilma. A Zilma disse pra mim: “ó tem duas vaga, mas aqui existe uma experiência. Tu pega amanhã dentro duma semana se o teu trabalho não for bom, tu não fica no trabalho”. Aí tá eu comecei a trabalhar. Aí trabalhei a semana e quando foi na sexta-feira fizeram reunião da diretoria deles ali. Das que tinha entrado junto comigo e aí eu ouvi o assunto que aqui três não ia fica e ela já tem quatro comigo. Fiquei pensando será que é eu né? Naquela dúvida. Aí quando foi no final da tarde, elas chamaram por nome as pessoa né? Aí chamaram as três. As gurias saíram. Aí elas me chamaram e aí elas disseram pra mim: “olha Mariana tu passou no teste. Teu trabalho é muito bom e tu vai continua com nós”.

Aí ali eu fiquei trabalhando né? (Mariana, entrevista em 17/09/1999, concedida ao Prof. Nilton e equipe)

A pessoa chamada passa por um processo que nomeei de pedagogia do galpão: no caso de ser uma mulher, a recicladora mais antiga tutela a trabalhadora em iniciação na aprendizagem do modo de separar o lixo até as demais funções. No caso de aprendiz homem, as aprendizagens se situam entre a prensa, a fabricação de fardos e o carregamento desses, assim como das bambonas antes dessa etapa, seja para os silos ou para o rejeito. Os homens normalmente são ensinados pelos seus pares.

Há outras situações ainda. Para Elena, o processo de iniciação combinou a socialização das tarefas do galpão com a orientação de sua mãe, recicladora há mais tempo, com certa familiarização por causa de visitas anteriores que fazia à Associação, acompanhando a mãe. Antes de ser recicladora vivia de uma pensão do pai e dos ganhos com faxinas. Diz ela, a respeito de sua iniciação:

A Zilma chegava a tá com os olhos visgado na gente. Eu e a Leopoldina pegamos junto, uma do lado da outra e a gente não sabia quase os material e ela colocou a gente bem na janela do escritório, porque ali tinha aquela janela basculante, mas..., ali ela ficava, ficava cuidando pra ver se nós tava trabalhando. Mas trabalhamos, ligeirinho nós baixamos por causa de que eu já tinha prática. Não, ela nunca..., desse questionamento eu nunca tive da Zilma porque quando a mãe vinha trabalhar ali eu vinha ali as vezes pro lado da mãe e cuidava o material, só a Leopoldina que não sabia. Fui aprendendo com a mãe, a mãe que em ensinou. Hi... essa história é longa. A mãe me ensinou, depois a mãe... Trocou a diretoria que a falecida Zilma faleceu né, o Nonato ficou né e a mãe loqueou e foi embora daqui né e, por fim, como eu chorei as tristezas pro Nonato, a mãe pegou aqui de novo. A mãe arrumou serviço pra mim e eu arrumei pra mãe depois. (Risos) Ah, uma mão lava a outra e as duas lavam... Comecei no cesto, nem foi no cesto foi lá atrás. Lá atrás, antigamente tinha lixo. Aí tinha que limpar lá atrás, tipo assim não tinha cesto, largava no chão. Tinha muito lixo que daí eles começaram a largar lá atrás. Daí eles pegaram as diaristas pra.... Eu entrei como diarista aqui. (Elena, entrevista em 01/11/2010, concedida ao pesquisador)

O processo de iniciação no trabalho do galpão apresentou-se para Elena como trabalho temporário, na condição de diarista, e logo foi efetivada, atribuindo a razão de seu êxito aos saberes anteriores pertinentes à inserção no coletivo de trabalho, reafirmando as visitas sistemáticas que fazia à associação. De forma semelhante, Elenice já estava inserida no setor informal da reciclagem, noutro bairro de Porto Alegre, quando se integrou à atividade no galpão da Rubem Berta. Conta:

O meu filho tinha uma reciclagem na Tuca, lá no Campo da Tuca, e eu tava sempre junto lá com ele, ele pedia pra mim ajudar ele, entende? Eu fiquei até uma vez cuidando três meses pra ele lá. Então, eu já entendia tudo isso aí, isso aí eu já sabia tudo! Eu separava o material tudo lá pra ele, enfardava tudo lá pra ele, quando os caminhões vinham buscar [o material] ajudava ele. Então, eu já tinha noção. Isso aí não precisou me ensinar, entende?... Não precisou, como eu já tinha, só aí comecei no cesto ali, né? Aí, depois eu fui lá pro branco, no branco eu fiquei um monte de tempo lá no branco. (Elenice, entrevista em 14/02/2002, concedida ao Prof. Nilton e equipe)

Elenice já conhecia a dinâmica de um galpão de reciclagem a partir das vivências no empreendimento de seu filho, tanto nos procedimentos de separação quanto na produção de fardos. Entretanto, como é de praxe na pedagogia do galpão da A.R.E.R.B., ela foi inserida nas atividades do cesto para depois participar da separação do papel branco; certamente depois de ganhar a confiança da coordenação, tendo em vista o valor diferenciado que é atribuído para esse material no mercado dos atravessadores.

Como vemos, tornar-se reciclador ou recicladora constitui uma aprendizagem processual que o sujeito desenvolve por meio da ação educativa informal que o trabalho da reciclagem oferece, tendo por mediadores outros/outras recicladores/recicladoras que são multiplicadores dos saberes acumulados no trabalho. Através deste, reconfiguram cotidianamente a sua ação no mundo, atualizam a sua identidade.

O trabalho na reciclagem, na constituição da identidade do reciclador, não opera do mesmo modo como a militância em determinado movimento social, ao menos no grupo que observei. A adesão a um movimento social tem o desejo por instituinte e a escolha como definição. A adesão a um coletivo de trabalhadores da reciclagem, por outro lado ganha sentido nas possibilidades de garantia da sobrevivência, ainda que no limite possa, segundo certas condições do grupo e diálogo ou participação dos sujeitos num contexto mais amplo⁶ vir a se tornar militância, por exemplo, no campo do ambiental com facetas visíveis no direito social ao trabalho e à geração de renda, até que os princípios solidários da economia solidária ganhem a adoção também subjetiva dos sujeitos, internalizando o *ethos* definido pela sua ação coletiva e ideário formulado, devendo ser esse ratificado pela prática.

⁶ Como em fóruns de economia solidária, fórum lixo e cidadania, pastorais, grupos de *práxis* facilitados por acadêmicos e atividades nas escolas do bairro.

4. Identidade das recicladoras e o sujeito ecológico

A identidade de um sujeito não é pura. Nesses tempos de sociedades complexas ocorre o contrário, a identidade é radicalmente difusa, múltipla, dependente da gama variável de pertencimentos possíveis, continuados ou eventuais, que o ator social pode empreender ao longo de sua trajetória pessoal, atualizando-os ou descartando-os. A identidade é uma experiência transitiva, híbrida, resultante da complementaridade dos múltiplos encontros conectivos e criativos entre o sujeito, os seus pares e os movimentos pelos quais transita, em diferentes espaços, mas também em diferentes tempos. Constantemente recriamos a nossa identidade pessoal e coletiva. Como escreveu oportunamente Brandão (2005, p. 112-113), a identidade é “uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”

O sentimento de pertença dos/das recicladores/recicladoras ao galpão, que estabelece o vínculo entre os membros do grupo para além das conjecturas acadêmicas ou pastorais sobre esses sujeitos, nasce das ações coletivas originárias da busca cotidiana pela sobrevivência material, que demanda ações imediatas geradoras de resultados financeiros, ainda que mínimos, para custeio da alimentação e moradia dos indivíduos e seu agrupamento familiar. O imediatismo do “ganha-pão” é o que reúne as gentes num grupo de trabalho associado no setor da reciclagem, não a militância, por exemplo, por uma causa ambiental. Esses sujeitos podem ser, posteriormente, inseridos em um movimento que procure protagonizar a sua luta, mas esse não é o motivo de sua atividade profissional na reciclagem.

Não podemos, portanto, designar os/as recicladores/recicladoras do galpão como ambientalistas, tampouco como sujeitos ecológicos⁷, porque não portam o *habitus* desses atores coletivos, embora possamos considerá-los como novos atores sociais na árvore múltipla de movimentos e grupos que atuam nas fronteiras do campo ambiental. Os/as recicladores/recicladoras, em sua condição de inclusão precária no mundo do

⁷ Com Carvalho (2004), compreende-se a categoria *sujeito ecológico* como aquele que é portador de um jeito de viver e ser assentado em um amplo ideário ecológico, que articula o sonho de vivência dos valores ecológicos com a utopia de uma sociedade plenamente orientada por esses valores. Na pesquisa que fez sobre a trajetória de vida de militantes das múltiplas correntes do ambientalismo, a autora identificou que o sujeito pode ser visto como um herói, vanguarda de um movimento histórico, herdeiro de tradições políticas de esquerda, mas protagonista de um novo paradigma político-existencial; em sua versão new age é visto como alternativo, integral, equilibrado, harmônico, planetário, holista; e também em sua versão ortodoxa, na qual é suposta a adesão a um conjunto de crenças básicas, uma espécie de cartilha, ou ortodoxia epistemológica e política da crise ambiental e dos caminhos para enfrentá-la.

trabalho, situam-se num setor cuja produção depende das sobras da sociedade de descarte, que coroa seu paradigma consumista com a cultura do supérfluo de duração e valor efêmeros e de descarte imediato. Paradoxalmente e como horizonte hipotético, em alguma medida o discurso ambientalista pode até significar o desaparecimento futuro dos/das recicladores/recicladoras de lixo produzido em grande escala.

Talvez, em alguns momentos, quando orientam crianças e outros sujeitos em visitação no galpão, explicando os benefícios recorrentes da reciclagem para o ambiente ou em palestras em escolas, empresas ou em certas atividades no galpão, eles atribuem ao seu fazer um sentido mais próximo do campo ambiental, na perspectiva que se refere aos cuidados com o ambiente por meio do aproveitamento do material reciclável. Contudo, os/as recicladores/recicladoras não incorporam na totalidade as atitudes embebidas de significado ecológico na vida doméstica, tampouco no galpão. Pelo que pude observar, os/as recicladores/recicladoras não separam o lixo que produzem em suas casas, salvo as ocasiões em que consomem latas de alumínio ou rolon de desodorante, que costumam vender de forma particular, como descrevi anteriormente em relação ao garimpo. No galpão, detritos espalhados pelo chão do pátio não são novidade, desde aquilo que cai dos caminhões e escapa à alguma sacola de limpeza até a bagana de cigarros e sobras outras produzidas pelos/pelas recicladores/recicladoras. Quanto ao entendimento do sentido ambiental da coleta seletiva municipal e suas incidências sobre a qualidade de seu trabalho, algumas recicladoras não percebem a contribuição da concretização dessa política pública na dinâmica de seu trabalho e nos ganhos coletivos finais.

Mas se vier tudo separadinho? Agora que não vem a gente fica parado porque não tem material, se vier tudo separadinho, tudo mastigadinho, como que a gente iria trabalhar?. Já é tudo ligeirinho, agora terminaram o material que tinha pra gente separar. A gente não, a gente nem pode, claro, a gente reclama porque vem bicho morto, vem fralda, vem papel higiênico, vem tudo, mas, é o serviço da gente né. Tem que se virar...(Elena, entrevista 01/11/2010, concedida ao pesquisador)

Enfim, a observação em campo, evidenciou que os recicladores/recicladoras da A.R.E.R.B. não são propriamente sujeitos ecológicos, ao contrário ao disso, esses tem o seu trabalho e identidade levemente matizados pelo campo ambiental⁸, seja em seus

⁸ Aqui acolho o sentido que lhe atribui Carvalho (2001), significando-o como certo conjunto de relações sociais circunscritas que carregam sentidos e experiências que delineiam o universo social específico do

sentidos, seja nos discursos e políticas públicas, pois a sua adesão ao ambiental é determinada pelo imediatismo da sobrevivência, não pela apropriação do ideário ecológico.

Trabalhar entre as sobras para viver em uma lógica social que os situa como sobrantes não os transforma em militantes da ecologia. Nomeá-los dessa forma seria cinismo ou idealização irresponsável. A título de analogia, eu me atraveria a dizer que o reciclador está para o campo ambiental como o anti-herói está para a literatura, ele é o antissujeito ecológico. Os/as recicladores/recicladoras são pessoas comuns que vivem nos extremos da periferia da realidade social ocupando parcela significativa de seu cotidiano entre as nossas sobras, reutilizando-as, para o fim particular de manutenção precária da sobrevivência na pobreza, em seu “protagonismo oculto e mutilado” (MARTINS, 2008, p. 11).

De outra parte, ninguém se torna reciclador em prol de finalidades altruísticas de salvamento do planeta, mas por causa da necessidade material, ainda que, sendo afetados pelos significados do campo ambiental circulantes na sociedade em diversos segmentos e, em especial, na rede em que se inscrevem os galpões de reciclagem (poder público, igrejas, universidades, núcleos especializados em assessorias etc.) os sujeitos podem, em sua *práxis*, se apropriar e partilhar o saber ambiental em certas circunstâncias.

Conclusões

A migração dos sujeitos, como experiência anterior à inserção no setor produtivo da reciclagem, foi um dado recorrente na trajetória da maioria das recicladoras que integraram a pesquisa. São trabalhadoras do campo que migraram para a região urbana em busca de melhores condições de vida, ansiando por emprego, inicialmente. Antes de serem trabalhadoras da reciclagem, essas mulheres são sobrantes do campo produzidas como resultado inevitável dos processos de automatização do trabalho rural ou do endividamento que faz com que abandonem suas pequenas propriedades. O trabalhador migrante do campo ao encontrar o trabalho precário na urbe como solução à sobrevivência à margem, entrega-se a formas desumanas de ocupação, nos extremos da

ambiental. Assim, esse é um campo simbólico de relações sociais, inscrito em determinadas circunstâncias históricas, que produz práticas, valores, sentidos éticos e identidades de caráter ecológico ou ambiental.

sociedade regida pelas normas do capital e, desse modo, torna-se reciclador ou recicladora numa aprendizagem que se processa no trabalho da reciclagem.

A pesquisa fez ver que a adesão dos sujeitos a um coletivo de trabalhadores da reciclagem ganha sentido fundamental nas possibilidades de garantia da sobrevivência e não na militância no âmbito do campo ambiental, nada obstante, possa esse ser um elemento que se agregue a sua condição de reciclador, posteriormente. A identidade e o trabalho do reciclador, no caso em estudo, são muito levemente matizados pelo campo ambiental em seus sentidos e práticas.

O/a reciclador/recicladora constitui-se em um/uma trabalhador/trabalhadora cuja identidade está atravessada pela transitoriedade, obrigado pela lógica do capital a uma trajetória profissional sujeita a interrupções e ao recomeço na espera de trabalho menos precário. Essa transitoriedade é um elemento que obsta o andamento de processos de educativos e emancipatórios com esses sujeitos, e esse fato vem a fortalecer a desvalorização deles no mundo do trabalho.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos R.. **As flores de abril**: movimentos sociais e educação ambiental. Campinas – SP: Autores associados, 2005.

CARVALHO, Isabel C. de M. **A invenção do sujeito ecológico**: sentidos e trajetórias em educação ambiental. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

LOUSADA, Vinícius Lima. **Ecos de processos educativos com recicladores/recicladoras**: um estudo a partir de um projeto de educação popular ambiental. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 2. Ed. Rev. e ampl. São Paulo, SP: Contexto, 2008b.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2008.